

Marcas deíticas da presença do locutor no discurso científico. Dissertações de mestrado apresentados na Universidade do Minho

**MARQUES, MARIA
ALDINA**
mamarques@ilch.uminho.pt

Professora auxiliar
ILCH/CEHUM – U. Minho

RAMOS, RUI
rlr@ie.uminho.pt

Professor auxiliar
IE/CIEC – U. Minho

PALAVRAS-CHAVE:
discurso científico;
dêixis pessoal;
marcas discursivas;
subjetividade;
objetividade.

RESUMO: O objetivo deste trabalho é a análise das marcas deíticas da presença do locutor no seu discurso em dissertações de mestrado que têm o discurso como objeto. A dissertação de mestrado enquanto género do discurso científico-académico apresenta um carácter híbrido, que conjuga características do discurso científico e do discurso académico. Num quadro comunicativo complexo, sobressai o facto de ser um discurso sujeito a avaliação, que compreende a defesa presencial perante um júri de especialistas.

Tendo por base uma perspectiva teórica discursivo-enunciativa, pretendemos analisar as marcas da construção do locutor a partir das categorias deíticas pessoais. Nomeadamente, pretendemos: analisar a opção pelo uso dos pronomes pessoais/possessivos de primeira pessoa, explicitamente presentes ou lexicalizados nas desinências verbais; analisar os locais de ocorrência da dêixis pessoal tendo em conta o plano textual e o contexto local ou cotexto e, ainda, a coocorrência com outras marcas de subjetividade, designadamente verbos de opinião. Para além do inventário de ocorrências, de natureza mais quantitativa, interessa-nos relacionar as categorias deíticas com a questão da subjetividade; nomeadamente, ter em consideração o processo de desinscrição enunciativa por uso genérico dos deíticos.

KEYWORDS:
scientific discourse;
personal deixis;
discursive marks;
subjectivity;
objectivity.

ABSTRACT: We aim at analysing the deictic marks of the author's presence in his speech, in master dissertations that have discourse as object of research. The master dissertation as a genre of scientific and academic discourse has a hybrid character, combining features of scientific discourse and academic discourse. In a complex communicative framework, stands the fact that it is a discourse genre submitted to evaluation, comprising a master's thesis defence before a jury of experts. Within a theoretical perspective of discourse analysis and enunciation, we intend to analyse the

personal deictic categories as marks of the authors' inscription in their own discourse. In particular, we intend to analyse the author's choice of first person personal / possessive pronouns, present or explicitly lexicalized on verbal morphology; the occurrences of personal deixis in a macro and local context; and finally, the co-occurrence of those pronouns with other marks of subjectivity, namely, verbs of opinion. In addition to the inventory of occurrences, of more quantitative nature, we aim at relating the deictic categories and the overall issue of subjectivity in discourse.

1. INTRODUÇÃO

As características dos géneros que integram o discurso científico em Portugal têm sido pouco analisadas, o que tem implicações, a nosso ver, na complexidade do que é fazer ciência enquanto prática social.

De facto, os discursos científicos produzidos pelos investigadores são particularmente importantes enquanto são formas de construção do conhecimento e não meros meios de divulgação do conhecimento¹. Esta é uma questão que decorre da própria natureza da linguagem, que não descreve o mundo, antes constrói uma representação do mundo. Mas é sobretudo uma questão fundamental do discurso científico, que contesta concepções tradicionais, que secundarizam o discurso relativamente à investigação.²

Para Reutner (2010: 80), radica neste “...concept d’un langage clair et transparent qui dirige le regard du locuteur directement vers les faits scientifiques” o apagamento do locutor da superfície discursiva, a que aliás a autora se refere como “le tabou du moi”, ao serviço de um *ethos* de modéstia que, como afirma, remonta a Kant.

A necessária presença do locutor, porque não há discursos objetivos, apenas há, como refere Rabatel (2004), discursos objetivantes, tem implicações acrescidas na organização enunciativa dos discursos quando estes são determinados por uma “pretensão de verdade”, universalizante, como é o caso do discurso científico.

Tal não significa que este perca ou deva perder as características que o definem. As características objetivas, que não se confinam à problemática da presença/ausência do locutor, devem antes ser tomadas como estratégias ao serviço da construção discursiva do conhecimento científico, que integra, nomeadamente, objetivos persuasivos. Hyland (2008: 4) é claro nessa prevenção:

1. Hyland (2008: 3) refere esta atitude, segundo a qual “The text is merely the channel through which scientists report observable facts.” E opõe -lhe o facto de que “...there is always going to be at least one interpretation for research data and the fact we can have these competing explanations shifts attention away from the lab or the library to the ways that academics argue their claims. We have to look for proof in textual practice for producing agreement.”

2. Para Hyland (2008), esta conceção de transparência da língua, instrumento de difusão da ciência, estará na base da desconsideração do ensino dos géneros científicos no ensino superior.

At the heart of academic persuasion, then, writers' attempts to anticipate possible negative reactions to their claims. To do this *they must display familiarity with the persuasive practices of their discipline, encoding ideas, employing warrants, and framing arguments in ways that their potential audience will find most convincing. They also have to convey their credibility by establishing a professionally acceptable persona and an appropriate attitude, both to their readers and their arguments.*

A nossa investigação, ainda em desenvolvimento, pretende precisamente analisar as marcas deíticas da presença do locutor no seu discurso, em dissertações integradas em mestrados em Análise do Discurso e concluídas entre 2005 e 2013 na Universidade do Minho, bem como o confronto com outras dissertações de mestrado, produzidas noutras universidades portuguesas e que têm a linguagem e os discursos como objeto de pesquisa.

A *dissertação de mestrado* enquanto género do discurso científico-académico³ apresenta um carácter híbrido, que conjuga características do discurso científico com características do discurso académico, duas áreas discursivas cujos géneros mostram um alto grau de ritualização. Num quadro comunicativo complexo, sobressai o facto de se tratar de um discurso sujeito a avaliação (que sendo inerente ao ato de comunicação, tem neste caso um momento de avaliação explícita), que compreende a prova presencial perante um júri de especialistas, constituindo-se, simultaneamente, como um dos primeiros textos científicos a serem realizadas por qualquer investigador e/ou, no modelo de Bolonha, a prova académica final do segundo ciclo de estudos universitários. Assim, sobressai a especificidade do locutor, que assume o papel social de jovem investigador e finalista de um ciclo do ensino universitário. Legitimar a sua imagem, na interseção de duas áreas de atividade da linguagem verbal, a área académica com a área da investigação científica, é um objetivo central e unificador do locutor, tendo em conta que, em ambas, ele se constrói enquanto “aprendiz”.

Dado que decorrem de práticas sociais linguísticas, os géneros discursivos são modos de dizer socio-historicamente situados. Por isso, consideramos que os géneros científicos e, em particular, as dissertações de mestrado, não são independentes de tradições científicas, linguísticas e culturais em que se inserem e que determinam diferentes estilos de género⁴.

3. As designações encontradas nos autores que trabalham esta área são um pouco flutuantes: género científico, género académico, género científico-académico. Consideramos que género científico e género académico divergem em parâmetros fundamentais. E o género científico já não é exclusivo da comunidade académica.

4. Hyland (2008: 200) faz referência a esta interligação texto-contexto: “The presence or absence of explicit author reference is a conscious choice by writers to adopt a particular stance and disciplinary-situated authorial identity.”

Mais ainda, colocamos como hipótese de partida algo semelhante ao que Fanny Rinck (2010: 101) propõe para a análise dos discursos de doutorandos: «... les doctorants, en tant que novices, ont besoin de se conformer davantage aux conventions du champ académique et à une image canonique du genre de l'article». *Mutatis mutandis*, esta necessidade de legitimação faz prever uma hiperprodução de estruturas caracterizadoras do género, ritualizadas, ao serviço da construção do locutor, no papel social de estudante-investigador.

1.1. OBJETIVOS

Tendo por base o quadro comunicativo que acima se estabelece, pretendemos analisar as marcas da construção do locutor a partir das categorias deícticas pessoais, em dissertações de mestrado. As condições de construção deste género textual, prototipicamente da responsabilidade de um estudante e investigador iniciante, determinam o nosso quadro de análise.

Nomeadamente, pretendemos analisar:

- as categorias da dêixis pessoal usadas na construção discursiva do locutor;
- a opção pelo uso de marcas de primeira pessoa, singular e plural, explicitamente presentes (eu, me, mim, meu, minha, nos, nós, se, ...) ou lexicalizadas nas desinências verbais;
- os locais de ocorrência da dêixis pessoal tendo em conta o plano textual e o contexto local ou cotexto;
- a relação das categorias deícticas com a questão da subjetividade, nomeadamente, pela consideração do processo de desinscrição enunciativa por uso genérico dos deícticos;
- a dêixis e as suas funções pragmático-discursivas: a construção da imagem do locutor;
- numa perspetiva comparativa, as “tradições de escrita” em diferentes áreas das Ciências Sociais e Humanas e em diferentes instituições de ensino superior.

2. QUADRO TEÓRICO E METODOLÓGICO

O discurso académico enquanto objeto de investigação tem já uma “longa” tradição, ou melhor, longas tradições quer de filiação anglófona, na área das linguagens especializadas (English for Specific Purposes), quer francófona, esta estreitamente ligada à análise dos discursos, e em particular à linguística da enunciação. Se na vertente anglófona, e no que concerne ao estudo do discurso académico, são fundamentais os trabalhos de Swales (1990, 2004) e Hyland (1996, 2005), a corrente francófona tem em Grossmann (2010, 2014), Castelló *et al.* (2011), Rinck *et al.* (2006), Grossmann & Tutin (2010) ou ainda ou ainda Fløttum (2004), para citar apenas alguns autores e obras, um conjunto de investigadores que determinam o núcleo dos estudos na área. As investigações realizadas no quadro da análise dos discursos e, particularmente, da linguística da enunciação, constituem um quadro teórico-metodológico alargado, de que salientamos os trabalhos de Benveniste (1974), Kerbrat-Orecchioni (1980), Ducrot (1984), Fonseca (1992), Maingueneau (1998), Moirand (2005), entre outros.

2.1. A PERSPETIVA ENUNCIATIVA-PRAGMÁTICA QUE A ANÁLISE DOS DISCURSOS PRIVILEGIA

Cientes dos contributos dos diversos autores que acabámos de elencar, abordaremos a questão da construção da imagem do locutor, no uso da dêixis pessoal, a partir de uma perspetiva enunciativo-discursiva, assumindo, como refere Fonseca (1992), a centralidade da enunciação na organização dos discursos.

A dêixis constitui a categoria mais básica, o modo nuclear de construção do *eu* e do *outro*. O compromisso do locutor com o conteúdo do seu dizer, ainda que marcado por diferentes processos linguístico-discursivos, passa necessariamente pela dêixis, porque a referenciação se constrói a partir da enunciação.

Em conexão com o trabalho de Benveniste (1974) sobre o *aparelho formal da enunciação*, damos particular realce aos desenvolvimentos teóricos relativos à polifonia linguística e/ou

dialogismo, que remontam aos trabalhos de Bakhtine (1984). Em particular, salientamos os trabalhos de Vion (2000, 2005) e Rabatel (2004), entre outros, sobre o apagamento enunciativo⁵.

Abordamos, portanto, a dêixis no quadro dos géneros discursivos (uma vertente de análise também devedora de Bakhtine)⁶. As escolhas linguísticas e discursivas dependem, entre outros fatores, do género discursivo que, sobretudo nos géneros mais ritualizados, prevê uma determinada imagem de locutor. Existe, assim, um “*ethos* de género”, isto é, a imagem do locutor que o género prevê quer nos modos de dizer - que regula -, quer nos conteúdos que privilegia. Na dissertação de mestrado, tomámos como *ethos* de género a imagem de um estudante-investigador que procura a aceitação nas comunidades académica e científica⁷.

Quanto à metodologia usada, recolhemos todas as ocorrências das marcas deícticas, organizadas nas categorias:

- EU (eu, me, mim, meu + formas verbais de primeira pessoa do singular (1^ap/s)) ;
- NÓS (nós, nos, nosso, nossa + formas verbais de primeira pessoa do plural (1^ap/pl));
- SE, como pronome indeterminado ou como marca de estrutura passiva, ambos substituíveis por formas pronominais de primeira pessoa (...metade dos enunciados em que apenas se observou um acento.../... metade dos enunciados em que apenas *observámos* um acento.../... metade dos enunciados em que apenas *observei* um acento...),

Não é, portanto, uma análise exaustiva da presença do locutor no seu discurso. Nomeadamente, ficam por abordar questões relativas à ocorrência de:

- estruturas passivas (“Assim, *foi* feita uma distinção entre constituintes-alvo...”).
- estruturas unipessoais (“...*importa*, antes de mais, referir que esta foi realizada no *Praat*...”)
- nominalizações (“A *selecção desta edição* foi, em parte, aleatória”).

5. Outras categorias marcam a subjetividade/presença do locutor no discurso, em função de restrições várias, em particular do género discursivo escolhido.

6. O género, como categoria descritiva, é um conceito fundamental para a análise dos discursos; articula o discurso e a língua, porque é no discurso, na língua em uso como prática social, regulada pelo género, que se pode compreender a organização do sistema.

7. Como a determinação do discurso pelo género não é absoluta – de facto, o género é constituído por cristalizações temporárias, – o *ethos* de género, tal como o apresentamos, será sempre uma hipótese a confirmar.

Em todos estes casos, é possível substituir estas estruturas por outras com o pronome pessoal de primeira pessoa (singular ou plural): “Assim, fiz/fizemos uma distinção entre constituintes-alvo...”; Quero/queremos referir, antes de mais, que esta foi realizada no Praat...”; “Fiz/fizemos a seleção, em parte, aleatória da edição...”

Tendo em conta o pressuposto teórico de que o sentido é contextual, e que, por conseguinte, a construção dos referentes discursivos se dá em contexto, nomeadamente na relação com vetores semânticos aí ativados, organizámos as ocorrências de NÓS em categorias que têm como valores polares de um *continuum*, o traço [-genérico], representado por EU face ao traço [+genérico] representado por SE⁸. Um teste de substituição permitiu-nos evidenciar o predomínio de cada valor semântico. Este eixo semântico da genericidade cruza-se com o da pluralidade, também marcado por uma gradação entre dois polos e referido como [\pm plural]. Na construção de um referente plural, as especificidades do género discursivo permitem, desde logo, ativar como referente quer a comunidade científica (e mesmo a comunidade social em que o locutor-investigador se insere) no seu conjunto, quer uma comunidade mais restrita que integra o locutor e o(s) alocutário(s) ratificados, que se reúnem presencialmente no momento das provas públicas. Como referido, a aplicação do teste de substituição permitiu confirmar esses valores.

2.2. CONSTITUIÇÃO DO CORPUS E METODOLOGIA DE ANÁLISE

As Ciências da Linguagem têm um lugar que poderemos considerar quantitativamente modesto, no quadro do ensino universitário português. De facto, são poucos os alunos que frequentam os mestrados desta área, em Portugal, e, neste aspeto, a Universidade do Minho não constitui uma exceção. Como resultado desta situação, as dissertações de mestrado que integram as categorias que pré-definimos não só são em número reduzido, o que poderia ser considerado como causa de viés na investigação, como foram da responsabilidade do mesmo orientador. Com vista a ultrapassar esta limitação, decidimos incorporar uma vertente de comparação com outras dissertações da área das Ciências Humanas e Sociais, quer da Universidade do

8. Com a adoção do termo “traço” não está em causa uma opção pela análise componencial ou sémica, mas tão só a designação de eixos semânticos que permitem descrever os funcionamentos em análise.

Minho, quer de outras universidades portuguesas; todas as dissertações selecionadas têm os discursos como objeto de estudo. O conjunto selecionado é constituído por seis dissertações de mestrado, disponíveis *online*, assim distribuídas e numeradas:

- 2 dissertações da área das Ciências da Linguagem, apresentadas na Universidade do Minho: (1) *Estratégias de argumentação e construção da imagem pessoal no debate político televisivo* (2005); (2) *Um Certo Olhar: polifonia e modalização na Tertúlia radiofónica* (2009);

- 1 dissertação em Ciências da Comunicação, defendida na Universidade do Minho: (3) *Jornalismo de Saúde: Prevenir ou Remediar? Análise dos textos de saúde dos jornais: Público, Jornal de Notícias e Expresso de 2011* (2012);

- 1 dissertação em Ciências da Educação, também da Universidade do Minho: (4) *O Papel da Escrita na Construção das Aprendizagens: Perceções e Conceções dos Professores do 3.º Ciclo do Ensino Básico*, defendidas na UM;

- 2 dissertações realizadas noutras instituições universitárias portuguesas; na Universidade Nova de Lisboa, no âmbito do mestrado em Ciência Política e na Universidade de Lisboa, no mestrado em Linguística, respetivamente: (5) *As Estratégias Argumentativas no Discurso Político Eleitoral: o Caso das Eleições Legislativas de 2011* (2013) e (6) *Parâmetros de Qualidade no Discurso Público Argumentativo: Paralelismo por Contraste e Carisma* (2012).

É óbvio que a relativa carência de dissertações, que acima apontámos, constitui, desde já, uma limitação do nosso estudo e aponta a necessidade de confirmar os dados a partir de um *corpus* mais amplo. Os resultados a que chegámos são por isso a tomar como tendências.

Adotámos uma perspetiva qualitativa, ainda que com atenção a dimensões quantitativas. De facto, queremos salientar que, na recolha das ocorrências que realizámos, mais do que o número exato, é importante considerar o contexto, quer ao nível microestrutural, do contexto imediato, constituído pelo enunciado em que ocorre o item considerado, quer ao nível macroestrutural do plano de texto. A este nível, tivemos em consideração a organização da dissertação em subcapítulos ou secções. O carácter fortemente ritualizado deste género discursivo

justifica a homogeneidade elevada, ainda que não total, da estruturação do texto nas seguintes partes, que podem não estar explicitamente designadas como tal, mas cujo conteúdo permite a integração num único plano textual: *Agradecimentos; Resumo; Introdução; Quadro teórico e metodológico; Análise; Conclusões.*

3. CONSTRUÇÃO DO LOCUTOR EM DISSERTAÇÕES DE MESTRADO E FORMAS DEÍTICAS

A análise da construção da imagem do locutor a partir das ocorrências da dêixis pessoal pôs em destaque as categorias pronominais *eu, me, mim, nós, nos*, além dos possessivos, mas também as categorias verbais, dadas as características do Português. A presença do locutor no discurso é dinâmica, ou instável, dependendo da perspetiva; este assume responsabilidades diversas face ao conteúdo do seu dizer e constrói relações diferentes com os interlocutores. *EU* e *SE* confirmam-se como duas categorias polares, entre a presença explícita do locutor individual, que se responsabiliza pelo seu enunciado, e a sua desinscrição operada em formas variadas e gradativas que passa por diferentes usos de *NÓS*.

Da análise realizada, apresentamos, em síntese, o número de ocorrências de pronomes pessoais, possessivos e formas verbais de primeira pessoa, em função da localização no plano de texto:

	Agradecimentos	Resumo	Introdução p.1-4	Quadro teórico e metodológico p.5-38	Análise p.39-121	Conclusões p.122-126
Eu/me/mi m	2	-	-	-	-	-
meu/minha	9	-	-	-	-	-
nós	-	-	1	1	-	-
nos	-	2	5	4	-	-
nosso/noss a	-	1	9	26	-	-
verbos 1^a/s	7	-		-	-	-
verbos 1^a/pl	-	1	11	18	82	6
se	-	-	-	<i>21</i>	<i>11</i>	-

Quadro com a totalidade de ocorrências registadas - *Dissertação (1)*

Quadro com a totalidade de ocorrências registadas - *Dissertação (2)*

	Agradecimentos	Resumo	Introdução p.1-8	Quadro teórico e metodológico p.9-47	Análise p.48-107	Conclusões p.108-109
Eu/me/mim	<i>7</i>	-	-	-	-	-
meu/minha	<i>2</i>	-	-	-	-	-
Nós	-	-	-	<i>2</i>	-	-
nos	-	<i>1</i>	<i>11</i>	<i>29</i>	<i>26</i>	<i>6</i>
nosso/nossa		<i>1</i>	<i>8</i>	<i>29</i>	<i>21</i>	<i>2</i>
Verbos 1^a/s	<i>3</i>	-	-	-	-	-
Verbos 1^a/pl	-	<i>6</i>	<i>36</i>	<i>110</i>	<i>173</i>	<i>17</i>
se	-	-	-	<i>19</i>	<i>11</i>	<i>1</i>

MARQUES, MARIA ALDINA & RAMOS, RUI; MARCAS DEÍTICAS DA PRESENÇA DO LOCUTOR NO DISCURSO CIENTÍFICO.
 DISSERTAÇÕES DE MESTRADO APRESENTADAS NA UNIVERSIDADE DO MINHO
 REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 4 ANO 2015, PP. 144-168

	Agradecimentos	Resumo	Introdução p.9-26	Quadro teórico e metodológico p.27-42	Análise p.43-71	Conclusões p.72-83
Eu/me/mim	<i>2</i>	-	-	-	-	-
meu/minha	<i>4</i>			<i>1</i>		
Nós	-	-	-	-	-	-
nos		<i>1</i>	<i>2</i>	<i>5</i>	-	-
nosso/nossa	-	-	-	-	-	-
Verbos 1^a/s	<i>1</i>		<i>6</i>	-	-	-
Verbos 1^a/pl	-	<i>1</i>	<i>1</i>	<i>17</i>	<i>23</i>	<i>1</i>
se	-	-	<i>7</i>	<i>13</i>	<i>60</i>	<i>51</i>

Quadro com a totalidade de ocorrências registadas - *Dissertação (3)*

Quadro com a totalidade de ocorrências registadas - *Dissertação (4)*

	Agradecimentos	Resumo	Introdução p.13-22	Quadro teórico e metodológico p.23-72	Análise p.73-106	Conclusões p.107-112
Eu/me/mim	<i>3</i>	-	-	-	-	-
meu/minha	<i>3</i>	-	-	-	-	-
Nós	-	-	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>2</i>	-
nos	-	-	-			<i>2</i>
nosso/nossa	-		-	<i>3</i>	<i>1</i>	<i>1</i>
Verbos 1^ª/s	-	-	-	-	-	
Verbos 1^ª/pl	-	<i>1</i>	<i>3</i>	<i>13</i>	<i>24</i>	<i>6</i>
se	-	-	<i>6</i>	<i>21</i>	<i>10</i>	<i>1</i>

	Agradecimentos pp. ii	Resumo pp. iii	Introdução pp. 1-6	Quadro teórico e metodológico pp. 7-60	Análise pp. 61-112	Conclusões pp. 112-118
Eu/me	-	-	-	-	-	-
meu/minha	-	-	-	-	-	-
nós	-	-	2	8	3	1
nos	-	2	6	42	15	10
nosso/nossa	-	3	19	45	18	21
verbos 1^a/s	-	-	-	-	-	-
verbos 1^a/pl	-	2	38	201	108	43
se	-	-	4	14	8	4

Quadro com a totalidade de ocorrências registadas - *Dissertação (5)*

Quadro com a totalidade de ocorrências registadas - *Dissertação (6)*

	Agradecimentos p.2-3	Resumo	Introdução p.11-13	Quadro teórico e metodológico p.14-72	Análise p.73-89	Conclusões p.90-109
Eu/me/mim	<i>19</i>	-	-	-	-	-
meu/minha	<i>13</i>	-	-	-	-	-
Nós	-	-	-	-	-	-
nos	-	-	-	-	-	-
nosso/nossa	-	-	-	-	-	-
Verbos 1ª/s	<i>3</i>	-	-	-	-	-
Verbos 1ª/pl	<i>1</i>	-	-	-	-	-
se	-	<i>3</i>	<i>1</i>	<i>176</i>	<i>128</i>	<i>4</i>

A análise dos quadros faz sobressair algumas linhas de leitura que passamos a apresentar:

1. A forma deíctica *EU* (eu, me, mim, meu(s), minha(s), formas verbais de 1ªp/s), com apenas 78 ocorrências, tem um lugar restrito nas dissertações de mestrado analisadas, ainda que ocorra em cinco das seis analisadas. Acresce, ainda, que são formas que estão confinadas à secção de *Agradecimentos*. Ressalve-se, no entanto, que numa das dissertações analisadas ocorrem formas de 1ªp/s na *Introdução* (6 ocorrências) e no *Quadro teórico e metodológico* (1 ocorrência), o que introduz um elemento dissonante face à globalidade desta dissertação, que privilegia a ocorrência de *NÓS* (43 ocorrências) e *SE* (131 ocorrências). Quanto à *Introdução*, há

uma dispersão entre *EU* (seis ocorrências), *NÓS* (3 ocorrências) e *SE* (7 ocorrências); na secção relativa ao *Quadro teórico*, o “mapa” global é diverso, com apenas 1 ocorrência de *EU*, 22 de *NÓS* e 13 de *SE*.

2. Sobressai a quase ausência de *Nós* face às ocorrências de *Nos*. De facto, há apenas um total de 25 ocorrências de *Nós* face a 169 de *Nos*, nas seis dissertações.

A diferença registada permite colocar a possibilidade de agregar estas ocorrências, de *Nos*, a um locutor mais “recetivo”, pelas funções semânticas que o pronome assume de objeto ou destinatário, face a uma prototípica função agentiva de *Nós*. Estaríamos assim perante uma marca de um *ethos* de recetividade, isto é, o *ethos* de aprendiz.

Observando a distribuição pelas diferentes partes do plano textual, damo-nos conta de que é no *Quadro teórico e Metodológico* que se concentram as ocorrências de *Nos*. Coloca-se assim a hipótese de a ocorrência do pronome estar ligada ao tema e objetivos desta parte do plano, em que o locutor-investigador dá conta da investigação já realizada, e das teorias e metodologias que são o suporte do seu trabalho. Os excertos (1) e (2) exemplificam as características que apontámos:

- (1) A abordagem que acabámos de apresentar, em termos ainda muito gerais, permite-nos relacionar a teoria polifónica (dissertação 2)
- (2) É isto que *nos* dizem Carvalho *et al.* quando referem que a Educação para a Saúde (dissertação 3)

É, contudo, uma hipótese e uma explicação a usar com precaução, dado que não são considerados todos os mecanismos e funções de dêixis. Nomeadamente, a especificidade do Português permite que o pronome sujeito não seja expresso. Por isso as formas verbais devem entrar necessariamente na análise. Numa contagem simples que não leva em conta o semantismo dos verbos escolhidos, são 943 as formas verbais de 1ª p/pl.

3. Em termos de prevalência de ocorrências, há uma demarcação entre *NÓS* e *SE*.

Há um total de 1345 ocorrências de NÓS (nós, nos, nosso, nossa + formas verbais de primeira pessoa do plural (1ªp/pl)) contra 574 ocorrências de SE.

Coloca-se aqui a hipótese de estarmos perante “tradições teóricas” diversas. Mas, mais uma vez, é uma hipótese a ser confirmada com um *corpus* mais amplo.

4. Finalmente, no *corpus* em análise, SE parece ser a forma deítica não marcada, enquanto é comum a todas as dissertações. Das 574 ocorrências registadas, 492 ocorrem nas secções relativas ao *Quadro teórico e Metodológico* e à *Análise*. É claro que estes dados simples deverão ser relacionados com outros dados, desde logo a extensão de cada secção.

3.1. CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO LOCUTOR: CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES DA DÊIXIS PESSOAL

3.1.1. FORMAS DEÍTICAS DE 1ª P/S

Como acabámos de mostrar, o locutor singular tem um lugar diminuto nas dissertações de mestrado analisadas, não só em termos quantitativos, mas também em termos dos contextos de ocorrência. Estão (quase só) confinadas à secção de *Agradecimentos*, caracterizada por uma forte ritualização dos conteúdos e das formas linguísticas.

Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência em enunciados marcados por temáticas pessoais:

- (3) Parece que *cheguei* ao fim de mais esta etapa da *minha* vida (dissertação 1)
- (4) ...a todos os que *me* ajudaram (dissertação 2)
- (5) ...que sempre *me* incutiram uma cultura de esforço... (dissertação 4)

Com efeito, as formas de 1ªp/s estão prototipicamente agregadas ao contexto de “ato de agradecimento”, imbricam a esfera profissional e a esfera pessoal, pela representação de uma experiência pessoal na relação com o objeto/processo de investigação. As exceções que determinámos não são suficientes para colocar a hipótese de uma mudança em curso, ainda que esta seja uma questão discutida na comunidade académica nacional.

3.1.2. FORMAS DEÍTICAS DE 1ª P/PL

Situação diversa da assinalada para *EU* é a da ocorrência de *NÓS*. É consequência da plasticidade do uso de *NÓS*, apto a construir diferentes grupos referenciais no discurso. *NÓS* apresenta uma gradação entre valores polares de singular (*EU*) e de plural genérico (*SE*). No *continuum* criado entre ambos os polos, ocorre a possibilidade de recorte de grupos diversos, de acordo com o contexto; cada um destes usos está agregado a funções discursivas diversas:

I. *NÓS* singular.

I.i. Nos contextos aqui considerados, *NÓS* é substituível por *EU*. Veja-se o exemplo seguinte:

(6) “A nível conceptual, *detivemo-nos* na Comunicação...” / A nível conceptual, *detive-me* na na Comunicação... (dissertação 1)

NÓS ocorre em enunciados com função *metadiscursiva*. De modo prototípico, este *NÓS* ocorre em contexto de estruturação do discurso, como é o caso da Introdução, ou em momentos de retoma e antecipação de conteúdos discursivos:

(7) A presente dissertação está estruturada em quatro capítulos que *passamos* a resumir... (dissertação 1)

(8) Já *referimos* no capítulo anterior que a interacção discursiva... (dissertação 2).

I.ii. *NÓS* está agregado a enunciados com *função expositiva* isto é, enunciados que têm por função discursivizar/explicitar o processo de investigação:

(9) *Considerámos* assim três tipos de estratégias (dissertação 1)

Nesta categoria, determinámos ainda duas subcategorias funcionais respeitantes à ocorrência de *NÓS* em enunciados relativos à construção do suporte teórico (10) e à apresentação do processo de análise (11):

(10) Em síntese, parece-*nos* importante destacar das propostas conduzidas por Orecchioni e Vion os seguintes aspectos que podem definir o tipo de interacção verbal especializada que é o debate. (dissertação 1)

(11) Nesta análise *tomamos* as respostas aglomeradas dos professores... (dissertação 4)

É neste quadro de ocorrências que poderemos recuperar o tradicional uso “de modéstia” de *NÓS*. A ambivalência deste uso, também designado “de majestade”, está na base de divergências e discussões relativas à forma de dêixis pessoal a adotar. O facto de comunidades científicas diversas, a nível nacional e internacional, terem tradições diversas neste domínio acentua a importância desta questão, nomeadamente quando está em causa a publicação de textos científicos em revistas ou editoras estrangeiras.

II. *NÓS plural*

Este uso dá conta das relações interpessoais que o *locutor* estabelece com o outro, o alocutário/destinatário da sua alocação. Por isso, *NÓS* recorta diferentes grupos referenciais, os grupos com os quais o locutor estabelece relações interacionais específicas:

II.i. *NÓS, a comunidade académica*. O locutor constitui “um grupo” com os interlocutores/leitores. Dado o contexto de interação, *NÓS* constrói como grupo preferencial o júri das provas. Neste sentido, é um uso de *NÓS* por *VÓS*⁹:

(12) ...como *veremos* em seguida (dissertação1)

Sobressai, aqui, a função metadiscursiva do enunciado. A preocupação com o alocutário leva o locutor a explicitar a estruturação discursiva.

II.ii. *NÓS genérico*. Este uso identifica grupos referenciais diversos, como nos exemplos (13) e (14), em que *NÓS* identifica a comunidade em geral, de falantes ou mesmo a humanidade, por ocorrer num enunciado que representa um princípio do uso da linguagem, a linguagem como ação:

9. Sobre este valor de *NÓS* no discurso político, ver Marques (2000).

- (13) ...figuras que *nos* habituamos a ver nos jornais, na rádio (dissertação 2)
(14) ...o que quer que *digamos* tem sempre como efeito agir sobre o outro (dissertação 1)

Noutros contextos, é claramente a comunidade científica nacional e internacional que é convocada pelo locutor no uso de NÓS:

- (15) Conforme *nos* mostram Charaudeau e Maingueneau, o conceito de polifonia...
(dissertação 2)

A análise das ocorrências da 1ª p/pl deverá ainda ser completada pela análise dos verbos e das suas características sintáticas e semânticas¹⁰. Parece-nos particularmente importante considerar o uso do conjuntivo, com valor injuntivo, que constrói um NÓS “didatizante”, que designamos como um “uso de NÓS por VÓS”, ou ainda a presença massiva do verbo auxiliar *poder* com função modalizadora, que, entre outros mecanismos linguísticos que desempenham a mesma função, suporta o *ethos* de modéstia característico deste género discursivo.

10. Este é um trabalho que está já em curso.

3.2. APAGAMENTO ENUNCIATIVO: DA OCORRÊNCIA DE NÓS À OCORRÊNCIA DE SE

SE tem valor prototípico genérico, como referimos. As funções dos enunciados acima referidas, quer a metadiscursiva, quer a de construção/discursivização do processo de investigação, com claro valor expositivo-argumentativo, estão presentes em contextos de ocorrência de *SE*, mas, de algum modo, são homogeneizadas pela presença de um locutor abstrato a que o pronome indefinido dá “voz”. Com efeito, o pronome *SE* ora constrói um referente singular (16) ora plural (17), percorrendo zonas de alguma vagueza referencial, determinadas por este *continuum* entre valores:

- (16) Observou-se, ainda, que estas estruturas (dissertação 6)
(17) Muito embora se reconheça que o modelo de Flower e Hayes (dissertação 4)
(18) Apesar de não se poder encontrar uma descrição das características do paralelismo numa perspectiva linguística nos trabalhos na área da Retórica...
(dissertação 6)

4. CONCLUSÃO

A objetivização do discurso científico é uma característica do género que condiciona o modo de presença do locutor. Este marca necessariamente a sua presença no discurso, ainda que em graus diversos, por mecanismos linguísticos ao serviço de um processo sistemático de *desinscrição* enunciativa. Como assinala Rabatel (2004), uma das estratégias usadas é a ocultação do locutor (L1/E1) atrás da “multiplicação de fontes enunciativas” (« ...le retranchement de L1/El derrière la multiplication de sources énonçantes»¹¹). Estes modos diversos de desinscrição têm consequências ao nível da construção dos referentes discursivos, porque «Le mode de donation des référents», refere Rabatel, é afetado (também) pelas formas que o locutor escolhe para marcar a sua presença no discurso e, por conseguinte, pela imagem que o locutor constrói de si, isto é, um locutor integrado na comunidade científica e académica, onde vai ancorar o seu *ethos* de legitimidade e de credibilidade, no quadro da tradição científica e do género escolhido.¹² É claro que o respeito pelas normas do género adiciona aos *ethe* já referidos uma outra imagem de um locutor “conservador”.

A desinscrição enunciativa é ainda uma forma de presença, em graus de explicitação diversos; completa a imagem do locutor preservando o *ethos* de modéstia previsto pelo género. No entanto, no confronto entre NÓS e SE, duas das categorias deíticas mais frequentes, este último, pese embora o maior grau de desinscrição que institui, está ao serviço de um *ethos* “dogmático”, por força da genericidade que impõe. Ao contrário, o NÓS que convoca o alocutário para o discurso abre a possibilidade - teórica mas também efetiva no género dissertação de mestrado – da participação do alocutário na discussão do processo em curso, gerando assim uma imagem mais positiva, dialogante, do locutor, ainda que “menos objetivante”.

As marcas deíticas da presença do locutor no discurso científico têm funcionamentos e valores que, como referimos, não contemplámos na nossa análise. A atenção a estas questões, bem como uma análise quantitativa dos dados, num *corpus* mais alargado, trará certamente novos resultados sobre este tema.

11. O contexto mais alargado desta citação é elucidativo : « Cette désinscription énonciative, diversement marquée, correspond au passage d'une énonciation personnelle à une énonciation impersonnelle, avec, en phase intermédiaire, la présence de formes personnelles ou de tiroirs verbaux « déictiques » dont l'interprétation ne dépend pas (ou plus) de données situationnelles, comme lorsque je, tu (nous, vous) prennent une valeur générique. Il est alors fréquent que ces formes permutent entre elles ou avec un on indéfini ou avec la non-personne. » Rabatel, 2004: 19.

12. A legitimidade do dizer e do dito é obviamente mais complexa num género discursivo caracterizado por um processo expositivo-argumentativo forte.

RÉFÉRENCES

- Bakhtine M. (1952/1979/1984). *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard.
- Benveniste, E. (1974). L'appareil formel de l'énonciation, *Langages*, 17, 12-18.
- Castelló, M., Corcelles, M., Iñesta, A., Bañales G. & Vega N. (2011). La voz del autor en la escritura académica: Una propuesta para su análisis. *Revista Signos* 44 (76), 105-117.
- Ducrot, O. (1984). *Le Dire et le Dit*. Paris: Minuit.
- Fløttum, K. (2004). La présence de l'auteur dans les articles scientifiques : étude des pronoms je, nous et on. In A. Auchlin, E. Roulet & J.-M. Adam (ed), *Structures et discours. Mélanges offerts à Eddy Roulet*. Québec: Nota bene, pp. 404-414.
- Fonseca, J. (1992). *Linguística e Texto / Discurso*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa / Ministério da Educação.
- Grossmann, F. (2010). L'Auteur scientifique, *Revue d'anthropologie des connaissances*, 4/3, 410-426.
- Grossmann, F. (2014). Les verbes de constat dans l'écrit scientifique. In A. Tutin, & F., Grossmann (ed). *L'écrit scientifique, Du lexique au discours*. Rennes: PUR, pp. 85-100.
- Grossmann F. e Tutin A. (2010). Les marqueurs verbaux de constat: un lieu de dialogisme dans l'écrit scientifique. *Actes du colloque Dialogisme: langue, discours*. Acedido em maio 23, 2014 em: <http://www.univ-montp3.fr/praxiling/IMG>
- Hyland, K. (1996). Talking to the academy: Forms of hedging in science research articles. *Written Communication*, 13 (2), 251-281.
- Hyland, K. (2005). Stance and engagement: A model of interaction in academic discourse. *Discourse Studies*, 7 (2), 173-192.
- Hyland, K. (2008). Disciplines and discourses: social interactions in the construction of knowledge. *International journal of English studies*, 8, 193-214.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1980). *L'énonciation – de la subjectivité dans le langage*. Paris: A. Colin.
- Maingueneau, D. (1998). *Analyser les textes de communication*, Paris: A. Colin.
- Marques, M. A. (2000). Funcionamento do discurso político parlamentar. A organização enunciativa dos debates de interpelação ao governo. Braga: Universidade do Minho/CEHUM.

Moirand, S. (2005). Le dialogisme, entre problématiques énonciatives et théories discursives. *Cahiers de Praxématique*, 43, 189-220.

Rabatel, A. (2004). Effacement énonciatif et effets argumentatifs indirects dans l'incipit du *Mort qu'il faut* de Semprun. *Semen*, 17. Acedido em maio 23, 2008 em: <http://semen.revues.org/2334>

Reutner, U. (2010). De nobis ipsis silemus? Les marques de personne dans l'article scientifique. *Lidil*, 41, 79-102. Acedido em setembro 4, 2013 em <http://lidil.revues.org/3013>

Rinck, F. (2010). Les “nouveaux entrants” dans le champ scientifique: analyse des spécificités des articles de doctorants. In J.-M Defays & A. Englebert (ed). *Les discours universitaires*, T 1 e 2. Paris: L'Harmattan, pp. 99-110.

Rinck, F., Boch, F. & Grossmann, F. (2006). Quelques lieux de variation du positionnement énonciatif dans l'article de recherche. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 8, 451-464. Acedido em novembro 5, 2014 em: <http://revistas.usp.br/flp/article/view/59766/62875>

Swales, J. (1990). *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: CUP.

Swales, J. (2004). *Research Genres*. Cambridge: CUP.

Vion, R. (2000). L'analyse pluridimensionnelle du discours: le cas d'instabilité énonciative. In A.-C. Berthoud & L. Mondada (ed). *Modèles du Discours en confrontation*. Bern: Peter Lang, pp. 151-156.

Vion, R. (2005). Séquentialité interactivité et instabilité énonciative. *Cahiers de Praxématique* 45, 25-50.iste,

